

# O DIABO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS

## THE DEVIL IN CHILDREN'S LITERATURE

**Salma Ferraz**

Professora do Depto. de Língua e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Membro da Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (ALALITE)

Coordenadora do Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura (Nutel), UFSC

E-mail: salmaferraz@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo analisa a presença do Diabo como protagonista em contos clássicos da literatura universal, dentre eles: *Os três cabelos de Ouro do Diabo* (Irmãos Grimm); *O Moinho do Diabo* (H. C. Andersen); *Carvões para a lareira do Diabo* (conto irlandês); e *A criança vendida para o Diabo* (conto francês).

**Palavras - chave:** Literatura infantil. Contos clássicos. Crianças. Diabo. Engano.

### ABSTRACT

This article analyzes the presence of the Devil as a protagonist in classic short-stories of world literature, such as the Grimm brothers' *The Devil and His Three Golden Hairs*, Hans Christian Anderson's, the Irish tale and the French short-story "A criança vendida para o Diabo".

**Key words:** Children's literature. Classic short stories. Children. Devil. Deceit.

## 1 A POLÊMICA: LITERATURA OU LITERATURA INFANTIL?

Para tão curto espaço de um artigo, falar do Diabo na Bíblia seria uma tarefa inglória. O mesmo pode-se dizer da tentativa de analisá-lo dentro da Teologia, visto a vastíssima produção da ciência que deveria estudar Deus e, no entanto, dedicou-se a construir, durante os séculos, verdadeiras especulações fantásticas, numa necessidade obcecada de manter a

sombra de Deus, sempre viva<sup>1</sup>. Também vale citar que há inúmeras biografias do Diabo surgidas nas últimas décadas, tentando iluminar o mistério de seu *pecado* e sua queda. Poderíamos citar aqui inúmeros livros da literatura universal cuja temática ou o protagonista é a **Serpente** do *Velho Testamento*, **Satanás** do *Novo Testamento*, **Lúcifer**, **Anjo caído** e **Estrela da Manhã** do Apocalipse.

Aquilo que denominamos de antiteodicéia de Lúcifer, ou Odisséia Luciferina, ou ainda Satanicéia, foi contada e recontada pelos autores das mais diferentes épocas e das mais diversas literaturas: A *Divina Comédia*, escrita em 1321 por Dante Alighieri; *O Paraíso Perdido* de John Milton, publicada em 1667 e acrescida de dois novos cantos em 1674; *O Fausto* de Goethe, a versão mais conhecida do mito de Fausto, a qual imortaliza a figura de Mefistófeles e torna o pacto com o Diabo uma temática universal. Podemos mencionar também Charles Baudelaire (1821-1867) e suas *Litanias de Satanás*, além de obras de outros escritores como Shakespeare, Thomas Mann e Paul Valéry. E não nos esqueçamos de *O Arquiniimigo Belfegor* de Machiavel, *O Diabo Coxo* de Luis Vélez de Guevara, *O Recibo do Diabo* de Walter Scott e *O Diabo no Campanário* de Edgar Allan Poe.

Na Literatura Portuguesa, encontramos o Diabo protagonizando: *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente; o conto *O Senhor Diabo*, de Eça de Queirós; o conto *A Hora do Diabo*, de Fernando Pessoa; e o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. Nesse romance o Diabo, denominado de *Pastor*, é o protagonista, o grande herói deste deseangelho, que tenta salvar Jesus e todos os seus futuros seguidores.

Na Literatura Brasileira muitas são as obras que tratam da Estrela da Manhã. Citamos apenas duas das mais conhecidas: *Macário*, de Álvares de Azevedo, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, ambas retomando o mito de Fausto.

Neste trabalho, porém, nos interessa especificamente a figura do Diabo na Literatura *Infantil*. Não entraremos aqui na imensa polêmica, nas centenas de publicações de críticos e teóricos, todos conceituados, que debatem o problema didático-pedagógico da literatura denominada pelo adjetivo infantil, no entanto algumas considerações são necessárias, dentre as quais começamos pelas seguintes observações de Antonieta Cunha, as quais sintetizam muito bem este problema:

---

<sup>1</sup> Vide artigo de nossa autoria intitulado O bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo, no livro *As Malas artes de Lúcifer* (texto críticos), inédito.

Outro problema se reflete quando muitos autores de literatura relutam em dizer que escreveram suas obras para crianças, **como se a idéia de que a literatura infantil é sublitteratura, um gênero menor.** (CUNHA, 1995, p. 23, negrito nosso)<sup>2</sup>.

Não concordamos com qualquer divisão terminológica para a literatura. Parece estranho falar em Literatura Infantil, Literatura Feminina, Literatura Negra, Literatura Homossexual. Ou o texto é literatura que interessa ao leitor em geral, independente se este for criança, adulto, mulher, branco ou negro, homossexual ou heterossexual... ou não é literatura. Nosso ponto de vista é corroborado por Nelly Novaes Coelho, que afirma que **“a Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura,** ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra.” (COELHO, 1997, p. 24). O assunto complica-se ainda mais pela dificuldade de conceituar a própria literatura. O próprio Eagleton, em sua obra *Teoria da Literatura*, afirma que

[...] o fato é que a literatura não pode ser, de fato, definida ‘objetivamente’. A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido. (EAGLETON, 2003, p. 11).

Ou seja, literatura é aquilo que o leitor denomina de literatura. Lajolo complementa dizendo que Literatura pode ser um rabisco na parede, um poema de um apaixonado para a namorada, histórias de bruxas, histórias que uma mãe inventava na hora de dormir para o seu filho, poemas que jovens colocam na internet para os internautas lerem, e termina sua explanação afirmando: “Aprenda então o vivíssimo leitor que ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões.” (LAJOLO, 2001, p. 12-13).

Nesse sentido, Coelho ainda esclarece:

Em se tratando de literatura Infantil, é preciso lembrar, de início, que além de ser um fenômeno literário ela é um produto destinado às crianças que em suas origens nasceu destinado aos adultos. Ou melhor, **que certas obras que foram famosas como literatura para adultos, com o tempo e através de um misterioso processo de adaptação, acabaram transformando um entretenimento para crianças.** (COELHO, 1997, p. 35).

Após estas considerações, voltamos nosso olhar para as obras da literatura chamada *infantil*, que aqui denominaremos literatura para crianças, na qual o Diabo é protagonista.

O mal sempre esteve presente na literatura para crianças. Destacamos aqui o Lobo destruindo a casinha dos três porquinhos, as terríveis madrastas da Branca de Neve, da Gata

---

<sup>2</sup> Todos os negritos neste artigo são de autoria da articulista.

Borrалheira e de Joãozinho e Maria, o arguto Lobo Mau e a *ingênua* Chapeuzinho Vermelho, e a Fada Má da Cinderela. Numa das versões da Branca de Neve, sua madrasta, como castigo, é obrigada a dançar com sapatos de ferro aquecidos. Existirá no mundo universo mais diabólico do que o universo das chamadas *estórias pra crianças*? A própria bruxa, vestida de preto, com seu nariz disforme e uma verruga na ponta, sua vassoura imensa e fálca entre as pernas, seu caldeirão fervilhante, não seria a encarnação do mal, a encarnação do próprio Diabo? Poderíamos, seguindo o pensamento central de Hanna Arendt em sua obra *Eichmann em Jerusalém*, publicada em 1963, dizer que o mal foi banalizado na literatura infantil. O mal se tornou vulgar e comum nas estórias para crianças, a ponto de não mais assustar.

Mas o Diabo, em carne, osso e espírito fez (e faz) sucesso entre as crianças. Neste ensaio analisaremos a presença dele em alguns autores clássicos a saber: *Os três cabelos de Ouro do Diabo*, dos Irmãos Grimm; *O moinho do Diabo*, de H. C. Andersen, o conto irlandês *Carvões para a lareira do Diabo*; e o conto francês *A criança vendida para o Diabo*.

## 2 OS TRÊS CABELOS DE OURO DO DIABO – IRMÃOS GRIMM

Os irmãos Jacob Grimm (1785 – 1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) procuraram resgatar a oralidade e o folclore da cultura alemã e dinamarquesa e, num sentido mais amplo, um painel das crenças populares da Europa. Recolheram as tradições orais (contos, lendas e mitos) das antigas narrativas germânicas. Mesmo tendo escrito uma *Gramática Alemã* (1819), eles se tornaram mundialmente conhecidos pela publicação da obra *Contos da Criança e do Lar*, editada em 1815, com várias reedições nos anos seguintes, contendo quase 200 narrativas. Tais contos e lendas foram compilados para adultos, mas foram os Irmãos Grimm, pela temática envolvendo o maravilhoso, que dedicaram as compilações para as crianças. Surge assim a literatura para crianças, que encantou (e encanta) leitores do mundo todo<sup>3</sup>.

Os três cabelos de Ouro do Diabo não é tão conhecido como Branca de Neve, Cinderela, João e Maria e Rapunzel. Percebemos neste conto que um menino é atirado ao rio

---

3 Os Contos de Grimm não são propriamente contos de fadas, distribuindo-se em (\*): (1) Contos de encantamento (histórias que apresentam metamorfoses, ou transformações, a maioria por encantamento); (2) Contos maravilhosos (histórias que apresentam o elemento mágico, sobrenatural, integrado naturalmente nas situações apresentadas); (3) Fábulas (histórias vividas por animais); (4) Lendas (histórias ligadas ao princípio dos tempos ou da comunidade e onde o mágico aparece como "milagre" ligado a uma divindade); (5) Contos de enigma ou mistério (histórias que têm como eixo um enigma a ser desvendado); (6) Contos jocosos (humorísticos ou divertidos). (\*) Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os\\_Grimm](http://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os_Grimm)>. Acesso em 13 ago. 2008.

dentro de uma arca, por um rei que sabe da existência de uma premonição de que, um dia, o filho de um pobre lenhador desposaria a filha desse rei. Este fato nos remete à estória de Moisés na Bíblia. E, tal como Moisés, o menino é salvo das águas por um moleiro. Transforma-se num belo rapaz e o rei descobre que ele ainda vive. O rei manda uma carta para a rainha, pelas mãos do próprio rapaz, na qual há a recomendação de que o rapaz seja imediatamente morto. O rapaz leva a carta. No caminho é atacado por salteadores, que lhe roubam tudo, inclusive a carta. Os salteadores leem a carta e se apiedam do rapaz. Falsificam a carta com a letra do rei, e o moço, sem saber que a carta era falsa, a entrega à Rainha. Nessa carta havia uma ordem do rei para que o casamento entre o moço e sua filha fosse realizado. O casamento é celebrado, quando o rei retorna não sabe o que fazer. Completamente louco, o rei ordena ao jovem que traga os três cabelos de ouro do Diabo.

Na caminhada em busca dessa aventura, o rapaz encontra sentinelas que lhe fazem 2 perguntas: 1) Por que a fonte que jorrava vinho tinha estancado de súbito? 2) Por que a árvores de frutos de ouro não tinha mais folhas? Uma terceira pergunta é feita pelo barqueiro que o transporta para o outro lado de um rio: como poderia libertar-se daquela escravidão de remar como um condenado às galés perpétuas? Aos três (sentinelas e barqueiro) ele promete que responderá quando voltar. Citamos agora o texto dos Grimm:

E, saltando para a terra, **penetrou na boca do inferno**, que se escancarava diante dele. Por felicidade, o diabo não estava, e sua governanta, **que era uma boa fada**, prometeu ajudar o corajoso moço. E, para isso, o transformou numa formiga, de modo a que o diabo, **que não podia suportar os humanos**, não o reconhecesse. A fada depôs essa formiga nas pregas do seu vestido. Quando o diabo retornou, vinha morto de cansado e, mal se deitou, logo adormeceu. (GRIMM apud MAGALHÃES, 1973, p.160).

O moço cruza o outro lado do rio, conduzido pelo barqueiro, nos remetendo ao barqueiro Caronte da mitologia grega, o qual transportava os mortos pelo rio Aqueronte até as regiões mais profundas do Hades. O moço penetra na boca do Inferno. É na outra margem do rio que está o Inferno e o Diabo; e este não suporta os humanos, por isto a fada transforma o moço numa formiga. O Diabo trabalha, visto que volta morto de cansaço. Interessante a presença da fada, que neste conto é *ajudante* do diabo. Mas ela, a fada, diabolicamente, engana o Diabo. Ela arranca o três cabelos do Diabo e este responde às três perguntas feitas anteriormente ao moço: a fonte seca porque há um sapo obstruindo a torneira, a árvore de ouro não dá frutos porque há um rato roendo suas raízes, e o barqueiro se livrará da maldição quando colocar os remos nas mãos de outra pessoa. Depois disto a fada devolve a forma ao

jovem e lhe entrega os três cabelos de ouro do Diabo. Ao voltar o jovem dá as respostas aos seus interlocutores, que lhe dão grandes bolsas cheias de ouro. O rei, ao vê-lo rico, pergunta como conseguiu todo aquele ouro. O jovem responde que foi do outro lado do rio. O rei, ganancioso, vai à margem do rio para atravessá-lo, e o barqueiro coloca os remos nas mãos do rei, o qual, como punição pelos seus pecados, passará o resto dos seus dias remando. O jovem se torna rei e vive com sua esposa *feliz para sempre*.

Nada nos é falado sobre a aparência do Diabo nesse conto, mas ele não tem a forma medieval com chifres, cascos e cheiro de enxofre. Apresenta-se como tendo cabelos de ouro, o que nos leva a pensar em um jovem loiro e bonito. O diabo aparece como um sábio advinho e é por meio de suas respostas que o rapaz consegue dar as respostas necessárias aos seus interlocutores, ganhando dinheiro e despertando o coração capitalista do rei. Nesse conto o Diabo só faz o bem, é humano, sem saber dá ajuda a um pobre e condenado, e leva um rei à perdição. A própria referência ao número 3 pode ser uma alusão ao número das pessoas da Trindade.

### 3 MEFISTÓFELES DOS MOINHOS – ANDERSEN

Hans Christian Andersen (1805-1875)<sup>4</sup> é um dos maiores escritores dinamarqueses. Publicou vários romances, mas foi como autor de contos para crianças que alcançou notoriedade mundial. Seus contos mais conhecidos são *O Patinho Feio*, *As Sapatinhas Vermelhas* e *A Roupas Nova do Rei*<sup>5</sup>. Nossa ótica de análise se volta para o *Moinho do Diabo*.

O conto inicia-se com uma descrição cinematográfica e edênica do lugar. Diante de tal natureza *As obras dos homens parecem brinquedos de crianças*. É normal tanto em textos dos Irmãos Grimm como nos de Andersen e nos de toda a literatura para crianças a presença de ferreiro, moleiros, pessoas simples e humildes. O moleiro desse conto tinha uma imensa família e, para sustentá-la, somente um velho moinho. Ocorre que o moinho fora construído num lugar inóspito, num recanto do vale, quase sem vento. Os moinhos dos vizinhos prosperavam e o moleiro suspirava de tristeza diante do seu moinho parado e diante da falta

---

<sup>4</sup> Graças à sua contribuição para a literatura infanto-juvenil, a data de seu nascimento, **2 de abril**, é hoje o **Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil**. Além disso, o mais importante prêmio internacional do gênero tem seu nome. Anualmente, a **International Board on Books for Young People** (IBBY) oferece a Medalha Hans Christian Andersen para os maiores nomes da literatura infanto-juvenil. A primeira representante brasileira a ganhá-la foi **Lygia Bojunga**, em 1982.

<sup>5</sup> Este conto deu origem a uma frase conhecida em todo o mundo: *O rei está nu*.

de pão para os filhos. Numa tarde, pensando nos *dramas de sua existência*, sobe por uma estrada *zigzagueante* ao topo de um monte. O ambiente do monte se modifica: “O vento, em **redemoinhos**, levantava as folhas que o outono fizera cair.” (ANDERSEN apud MAGALHÃES, 1973, p.179). Cabe lembrar que a presença de montes, montanhas e redemoinho marca quase sempre a presença do sagrado, seja ele positivo ou negativo. Lembramos que na Bíblia Deus aparece sempre em montanhas e, no *Livro de Jó*, ao ser questionado sobre sua justiça, enfurecido, responde a Jó do meio de um redemoinho. No *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, aparece também *O diabo na rua, no meio do redemoinho...*

O moleiro desse conto sobe a um monte e a presença do redemoinho marca a presença do sagrado negativo. Lembramos a proposição de Paul Tillich, que em sua obra *Filosofia da Religião*, de 1925, aponta o termo *demônico* como contraponto do divino, mas ambos inseridos dentro da esfera do sagrado. Segundo Tillich, “**o demônico é o Sagrado precedido por um sinal 'menos': o anti-divino sagrado**” (TILLICH, 1969, p. 74), o Sagrado negativo, destrutivo. Entretanto, ainda é Sagrado, uma vez que provêm do mesmo abismo de onde flui a graça. O moleiro fica impressionado pelo vento e pelo local ideal para a construção do seu moinho:

- Um vento destes era o de que eu precisava lá embaixo, para mover o meu moinho! – exclamou o moleiro. – Que **desgraça** o meu não ter sido construído aqui!
- Realmente – disse uma voz, por trás dele. – Sua idéia de agora não poderia ter sido mais feliz... Antes tarde do que nunca, não é mesmo?
- Que quer dizer com isso? – indagou o moleiro, que, ao se voltar, vira um **desconhecido**, perto dele, sentando num penhasco.
- Digo, simplesmente, que o moinho, construído aqui e não no vale, faria as coisas correrem de outro modo. E seus filhos hoje não sofreriam o suplício da fome.
- O moleiro estremeceu e perguntou:
- Conhece a minha vida? Sabe quem eu sou?
- Sim, conheço. Sei muitíssimo bem. E faço questão de me colocar a seu serviço, como construtor de moinhos...
- Construtor de moinhos?
- Sou capaz de construí-los melhores do que os outros que por aqui existem. Se quiser, diga...
- Mas eu não tenho dinheiro... – suspirou o moleiro.
- Não seja por isso – disse o **desconhecido, sorrindo**. – **Basta que me dê em penhor a sua alma. Se o fizer durante doze anos será bem sucedido em tudo quanto empreender. Será mais rico e invejado do que todos os seus vizinhos.** (ANDERSEN apud MAGALHÃES, 1973, p. 179-180).

No alto de um monte, em meio de um redemoinho e, após a pronúncia da palavra *desgraça*, aparece ao moleiro um desconhecido, que sorri. Georges Minois, em sua obra

*História do Riso e do Escárnio*, informa que, no princípio, anterior à criação, Deus não ri. Esse ato é estranho a Deus, a perfeição não admite riso: Deus se bastava a si próprio. Então ocorre a queda e o riso é atribuído ao Diabo e a tudo o que é imperfeito. Durante toda a Idade Média o riso foi atribuído ao Diabo, como sendo este o pai da mentira, pai do riso. No entanto, que dizer destes trechos bíblicos: “Tu, Senhor, ris de todos eles, zombas de todas essas nações” (Salmos 59:8); “O Senhor zomba dos zombadores.” (Provérbios 3: 34)? Parece que Deus também ri... Voltando ao conto de Andersen, o desconhecido teatralmente surge sentado num penhasco e propõe um pacto: prosperidade por doze anos em troca da alma do moleiro.

Percebemos que o pacto com o Diabo também está presente na literatura para crianças, e o moleiro faz seu pacto com o Mefistófeles dos Moinhos. Goethe, escritor alemão, celebrou o pacto com o Diabo em sua obra *Fausto*, publicada em 1806. Andersen publicou seis volumes de contos entre 1835 e 1842, e é possível que provavelmente conhecesse a lenda de Fausto, já que Goethe não foi o primeiro a escrever sobre o pacto deste. Sua versão é a mais conhecida de uma lenda cuja autoria se perde nas brumas do tempo. Christopher Marlowe (1564-1493) dramaturgo, poeta e tradutor inglês que viveu no período Elizabetano, escreveu uma versão da lenda de Fausto. Marlowe conhecia a lenda, deu lustro estético à obra e resgatou a dignidade do personagem Mefistófeles – que, no entanto, ainda desce ao inferno na cena final, de muito impacto junto ao público da época. Mas foi O *Fausto* de Goethe a versão mais conhecida do mito, o que torna o pacto com o Diabo uma temática universal.

O narrador do conto nos informa que o moleiro sentiu arrepios e “compreendera com quem estava falando”. O nome do Diabo não é mencionado até aqui, mas pela sucessão de pistas – *estrada ziguezagueante, vento, redemoinho, desconhecido, penhasco, risos*, muito antes da proposição do pacto, o leitor ruminante já desconfiou de que se tratasse do Diabo. Os doze anos de prosperidade deixaram o moleiro transtornado e interessado. O pacto se concretiza:

— E que garantias eu teria que dar?

O **desconhecido não conteve a gargalhada**, que reboou por toda a floresta. E disse ao **pobre** homem:

— **Basta escrever seu nome neste papel. Antes que os galos cantem a primeira vez**, o moinho estará pronto. Um moinho como nunca se viu e que girará dia e noite, haja ou não haja vento...

— Será um moinho e tanto! Concordou o moleiro. – Mas que é que vou fazer com ele, sem dinheiro para comprar trigo? E, além do mais, como é que tudo isso poderá ser feito no curto espaço de uma noite?



— Deixe comigo. **Se o moinho não estiver pronto antes que os galos cantem, fica desfeito o nosso trato.** E, quanto ao dinheiro para comprar trigo, encontrará nesta bolsa o bastante para um bom começo. Tome-a!

**O moleiro continuava a tremer, como varas verdes.** Mas o tilintar das moedas de ouro era tão fascinante que **não resistiu à tentação.** E apanhou a bolsa.

— Agora, vamos com isso! Nada de perder tempo! Assine! gritou-lhe, imperiosamente, o desconhecido. (ANDERSEN, apud MAGALHÃES, 1973, p. 179-180).

Se primeiro o desconhecido ria, agora o mesmo gargalha, o que indica se tratar do Diabo. O narrador fornece por antecipação uma pista de que a estória não acabará bem, uma vez que usa o adjetivo *pobre* para caracterizar o moleiro. O que nos chama a atenção nesta fala do Diabo é o claro intertexto com o Evangelho de Mateus 26: 34, quando Jesus, respondendo a Pedro, afirma que “em verdade te digo, que, nesta mesma noite, **antes que o galo cante**, tu me negarás três vezes.” O Mefistófeles de Andersen usa por duas vezes uma linguagem bíblica e crística para enredar em suas teias o moleiro ganancioso: “Antes que os galos cantem a primeira vez, o moinho estará pronto...”. O moleiro se mostra ingênuo, já que mesmo sabendo com quem está falando, não conhecia direito os poderes do Diabo de realizar tudo do dia para a noite. O Diabo o obriga a assinar um contrato de papel passado, para que o moinho maravilhosamente gire sem cessar. Para tentá-lo mais ainda entrega ao moleiro uma bolsa cheia de dinheiro para comprar trigo. O pactuante, mesmo tremendo como *varas verdes*, ao ouvir o tilintar das moedas de ouro, segundo o texto “não resistiu à tentação. E apanhou a bolsa.” (p. 180). Em seguida o Diabo perde a paciência e grita imperiosamente. Sua máscara começa a cair e o moleiro assina o pacto com o Diabo:

O moleiro, hesitante, acabou por firmar o nome, em caracteres toscos, mas ainda assim bem legíveis. **Neste momento**, agudo silvo atravessou os ares. A montanha gemeu e de suas entranhas saiu uma porção de seres fantásticos. A noite clareou, **iluminada por um luar sinistro. Toda uma multidão lançou-se à obra.** Uns talhavam nos penhascos blocos de granito, que iam amontoando uns sobre os outros e ligando com argamassa. **Outros cortavam troncos de árvores, num abrir e fechar de olhos**, iam transformando em vigas e traves. Tudo isto num infernal vaivém [...]. Por fim, o moinho parecia pronto. Faltava apenas colocar no devido lugar a enorme mó, **já preparada, à beira do precipício.** (ANDERSEN, apud MAGALHÃES, 1973, p.180 -181).

Esta cena é de fazer inveja às melhores produções contemporâneas para crianças: a série de livros *Harry Potter* da britânica J. K. Rowling<sup>6</sup> e a trilogia *O Senhor dos Anéis*, do

---

<sup>6</sup> Seus sete livros publicados até agora venderam mais de 300 milhões de exemplares e foram traduzidos em mais de 63 idiomas: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997); *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998); *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999); *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000); *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003); *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005); *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007).

escritor e filólogo britânico J. R. R. Tolkien<sup>7</sup>. Silvos cruzam os ares, a montanha geme e de suas entranhas sai um exército de seres fantásticos que trabalham *num infernal vaivém*. Observe-se a modernidade impressionante do conto escrito entre 1835 e 1842, cento e cinquenta anos antes de *Harry Potter*.

Ao observar a obra dos ajudantes do demônio e constatando que tudo estava pronto e que o Diabo tinha cumprido sua parte no trato, o moleiro desesperado tenta consertar seu erro:

**Presentindo aurora**, correu então para a mó e, com a força do desespero, arrancou a cunha que a sustinha. E o pesado bloco de pedra rolou fragorosamente pelas encostas do monte. **O construtor de moinhos e seus infernais ajudantes soltaram um grito uníssono e terrível**, correndo vertiginosamente atrás da pedra, ao mesmo tempo em que o moleiro, por sua vez, também, corria, na direção oposta, pelo monte abaixo. Já o **diabo agarrara a mó e se aprestava a subir, com ela, para colocá-la no moinho, quando os galos começaram a cantar**. (ANDERSEN apud MAGALHÃES, 1973, p. 181).

O moleiro na realidade não acreditava que o Diabo pudesse fazer tudo isto da noite para o dia antes que os galos cantassem. No entanto, ao constatar o trabalho alucinante dos obreiros infernais e ao ver que tudo ficaria pronto antes dos galos cantarem, o moleiro frustra os planos do Diabo, arrancando a cunha que sustinha a mó, e o bloco de pedras caiu no precipício. O narrador está próximo a revelar pela primeira vez o nome do Diabo. Primeiro o denomina de *construtor de moinhos* e depois informa que este tem *seus infernais ajudantes*, e por fim, afirma com todas as letras: *já o diabo agarrara a mó...* Observamos que o Diabo não se conforma em perder a alma do moleiro, tanto assim que corre com seus ajudantes infernais atrás da pedra e se esforça a subir o monte para colocá-la no moinho. Mas seus esforços são inúteis porque os galos começam a cantar. O Diabo revela sua face:

Furioso por não ter podido consumir os seus planos, **apoderando-se de mais uma alma, o maldito** atirou a mó contra o moinho, que se desfez em pedaços, espalhados ao redor, até muito longe. Quem hoje sobe ao monte Ramberg lá encontra apenas uma escura massa de granito, a que o povo ainda dá o nome de Moinho do Diabo. (Op. cit., p. 181).

E o moleiro? O narrador nos informa que:

**Livre do pacto que firmara num momento de fraqueza**, o moleiro voltou para junto da família, disposto a sofrer resignadamente as provações que lhe reservava o destino. **Mais valia ser pobre que vender-se ao diabo por todas as riquezas do mundo**. (Op. cit., p. 181).

---

<sup>7</sup> A Sociedade do Anel e As Duas Torres foram publicados em 1954 e O Retorno do Rei, depois de revisões nos apêndices, foi publicado em 1955. Foi traduzido para mais de 40 línguas, tornando-se um dos trabalhos mais populares da literatura do século XX.

O conto traz em si um ensinamento moral: mais vale ser pobre do que vender-se ao diabo por todas as riquezas do mundo. O *Moinho do Diabo*, nunca mais ninguém sobe aquele monte com medo de encontrar-se com o construtor de moinhos. O moleiro percebeu que cresceram árvores no vale que desviavam os ventos o que fez com que as pás de seu moinho girassem. Assim ele conseguiu viver com prosperidade e dignidade. Aqui o pacto foi feito, o Diabo cumpriu sua parte, mas foi enganado pelo moleiro arrependido.

#### 4 CARVÕES PARA A LAREIRA DO DIABO

O conto irlandês Carvões para a Lareira do Diabo encontra-se na compilação realizada por Regina Machado (2004), intitulada *O Violino Cigano e outros contos de mulheres sábias*. Esse conto, assim como *Os três cabelos de Ouro do Diabo* e *O moinho do Diabo*, caracteriza-se como narrativa na qual o protagonista consegue enganar o Diabo. Se no primeiro conto, dos Irmãos Grimm, o rapaz é filho de um pobre lenhador; se no segundo, de Andersen, tratava-se de um moleiro com imensa família, aqui temos como protagonista um homem muito pobre com oito filhos para criar. É uma característica destes contos de desafio, pacto e posterior enganamento do Diabo, o fato de envolver pessoas muito pobres. E o Diabo sempre aparece no momento de desespero:

Às vezes passavam fome e, quando a situação piorou de uma maneira insuportável, ele saiu de casa desesperado. Andou muito e não encontrou nenhuma solução, **até que topou com o Diabo.**

O homem não era muito instruído, **mas sabia muito bem reconhecer a presença do tnhoso. Aquele cheiro de enxofre inconfundível, a famosa capa que mal escondia os pés em forma de cascos voltados para trás. Era ele, o demo, sem dúvida nenhuma.**

O outro foi chegando, com a fala aveludada, foi convidando **para tomar um trago**, dizendo que a vida não era assim tão complicada, que tinha jeito pra tudo neste mundo. Depois, sem muitos rodeios, foi logo propondo:

— É muito simples, eu posso resolver seus problemas de uma vez por todas. É claro, com uma condição. **Se você concordar em me vender sua alma, sua vida vai ficar uma maravilha.** (MACHADO, 2004, p. 49).

Ao contrário do primeiro conto aqui analisado, em que o Diabo parece ser bonito, e do segundo, no qual o Diabo aparece em forma de um desconhecido que aos poucos vai deixando cair sua máscara, aqui, no conto irlandês, ele se apresenta como foi configurado pela imaginação medieval: cheiro de enxofre inconfundível, famosa capa, pés em forma de cascos voltados para trás, fala aveludada, e que gosta de beber. Apresenta-se sem disfarces e vai direto ao assunto: propõe um pacto, resolveria os problemas do homem em troca da venda de sua alma. Como sempre a tentação é demais e o homem tenta desconversar:

O diabo, **na maior paciência, explicou e argumentou.** O homem ficou meio resabiado, mas afinal acabou aceitando.

Ele ganhou do diabo um tambor, que era para tocar quando tivesse necessidade. Era só pedir o que queria, e o danado providenciava no mesmo instante. **O trato era que depois de vinte anos o diabo voltaria para buscá-lo.** Enquanto isto ele podia aproveitar a vida como quisesse. (MACHADO, 2004, p. 49).

O diabo aqui, como no conto de Andersen, é bom de conversar, explica, argumenta e convence. O narrador nos informa que o homem não contou nada para sua mulher, e ela não perguntou sobre a imensa riqueza adquirida repentinamente: dinheiro, fartura, presentes. O tempo de felicidade passou rápido, e o tempo do pacto também. O homem pensava nisto dia e noite, não dormia e não comia. A mulher insistiu para saber por que ele estava morrendo de desgosto. Ele não agüentou e contou do pacto com o Diabo:

— Bom – disse a mulher – nem tudo está perdido. Você não disse que tinha uma história de um tambor, que é só você tocar que o diabo aparece e faz o que você pedir? Pois eu tenho um plano para a gente ficar livre dele. **Toque o tambor e, quando ele vier, diga para ele construir igrejas e capelas, muitas, por toda parte.**

— Que boa idéia, mulher – disse o homem muito animado. – **Imagine se demônio que se preza vai se meter em negócio de igreja.** (Op. cit., p. 50).

Aparece aqui outro elemento comum nas estórias de enganamento do Diabo: a figura da mulher. *As filhas de Eva* têm facilidade em lidar com o Diabo e os homens se mostram muito mais ingênuos. A idéia parece excelente: propor ao Diabo que se torne numa espécie de obreiro, santo construtor de igrejas e capelas, algo que, segundo pensava o homem, o Diabo jamais aceitaria. Mas estavam enganados, ele e sua mulher:

Quando ele chamou o diabo e disse o que queria, o outro não fez cara de Deus-me-livre nem nada. Disse que ia começar em seguida. **Não demorou nada e tinha igreja e oratório e capela para tudo quanto era lado.**

— Bom, agora você só tem mais um último pedido antes de o prazo terminar – falou o demônio, dando uma risadinha bem de tihoso, mesmo – Até muito breve, pense bem no que vai pedir. (Op. cit., p. 50).

Observamos que o pactuante transforma o Diabo em obreiro do Cristianismo, construtor de Igrejas, e que este pedido não o assusta. O Diabo frustra o plano da mulher do homem e faz igrejas enormes. Mas a mulher tem outro plano, mais ligado ao social e político para o último pedido de seu marido:

— Calma, ainda tem um plano que eu guardei para o final. Você toca o tambor bem alto e pede para ele transformar todos os governantes da nossa terra em homens honestos. (Op. cit., p. 50).

O Diabo aparece com cara de sono quando o homem toca o tambor com bastante força:

— Mas, já? Eu nem consegui tirar uma soneca direito, na frente da minha lareira nova, quentinha, com o fogo alto que estava uma beleza. **Só vim mesmo porque agora você volta comigo.**

— Pois o meu pedido é uma coisinha à-toa, não vai custar nada para você. **Eu quero que você transforme todo o pessoal que manda aqui neste mundo: rei, presidente, deputado, senador, juiz, delegado, você sabe, toda essa gente. Quero que você faça eles virarem pessoas honestas.** (Op. cit., p. 51).

Constatamos a atualidade do conto irlandês, que poderia muito bem ser brasileiro. A corrupção continua generalizada em todas as partes do mundo, em todas as épocas. Percebemos também a astúcia da mulher, que em sua segunda tentativa foi melhor que na primeira:

O diabo ficou mudo, depois ficou vermelho, depois espumou, depois voltou ao normal.

— **Não vai me custar nada, é? Já entendi. Aposto que foi sua mulher quem teve essa idéia, claro que foi. Está bem, você ganhou, pode ficar por aqui, com alma e tudo.** Eu não posso realizar seu pedido, de jeito nenhum. Sabe por quê? **Se todo esse mundo de gente for transformado em gente honesta, vou ficar sem nenhum carvão para o fogo de minha lareira.** Ainda mais agora que estou com uma novinha em folha. (Op. cit., p. 51).

A mulher, pela astúcia, vence o Diabo: os poderosos, políticos, funcionários públicos, são o alimento eterno da lareira do Diabo, servem como carvão para aquecê-la. É uma classe que o Diabo necessita para viver aquecido. O conto termina da seguinte forma:

O homem nunca mais ouviu falar do diabo, e viveu feliz com a mulher e a família até quando chegou sua hora certa de partir. **Pra onde ele foi não se sabe ao certo, mas é garantido que ele não virou carvão na lareira do chifrudo lá de baixo.** (Op. cit., p. 52).

O Diabo desaparece, o homem morre quando tem que morrer, e o narrador nos garante que ele não virou carvão na lareira do chifrudo que mora lá embaixo.

## **5 A CRIANÇA VENDIDA PARA O DIABO.**

No conto popular folclórico da França intitulado *A criança vendida para o diabo*, repete-se a estória de uma família muito pobre, cujos pais têm muitos filhos. O narrador é direto e informa que o casal esperava mais um filho e já no primeiro parágrafo do conto informa: “Para poder sustentá-lo, prometeram-no ao Diabo.” (COSTA, 2006, p. 163). Em troca, estabelece-se entre o Diabo e aquela família o pacto:

Quando a criança nasceu, o diabo foi ver pai e mãe e prometeu que nunca haveria de lhes faltar dinheiro; mas disse que levaria a criança quando ela completasse sete anos. (Op. cit., p. 163).

Este conto difere do *Moinho do Diabo* de Andersen e do conto irlandês *Carvões para a lareira do Diabo*, porque nesses contos é o próprio protagonista que vende a alma para o diabo e faz um pacto com ele. No *Moinho do Diabo* o moleiro efetiva o pacto diretamente com o Diabo. O mesmo ocorre no conto irlandês *Carvões para a lareira do Diabo*, quando um pobre homem, em troca de fortuna para ele e sua família por vinte anos, vende sua alma ao Diabo. No conto francês não é um menino quem diretamente vende a alma para o Diabo, mas sim os pais da criança que vendem sua alma antes dela nascer. Constatamos a extrema penúria e desespero da família, que só faz o pacto para que a criança possa sobreviver em meio a tanta miséria.

O arrependimento da mãe se percebe quando ela, ao alimentar aquele filho, começa a chorar. O narrador nos relata que ela sentia ter cometido um *grande pecado*. Observemos o texto:

O menino percebia as lágrimas nos olhos da mãe e um dia lhe perguntou o motivo. Durante muito tempo ela se recusou a explicar, mas por fim lhe confiou que ele fora prometido ao diabo e que este o iria buscar quando ele completasse sete anos. O menino então disse à mãe:

— Dê-me um pequeno saco e eu deixarei esta região, de modo que o diabo não conseguirá me achar. **Vou viver como mendigo.** (Op. cit., p.163).

O menino se mostra bastante sábio para sua idade, já que parece ter menos de sete anos, a idade em que o Diabo viria buscá-lo. Outro fato interessante é ele se vestir de mendigo, o que demonstra, de certa forma, uma espécie de penitência, por algo que, efetivamente, ele não fez: o pacto do Diabo. Parece que ele está se purgando pelo pecado de sua mãe. Recordemos aqui a protagonista do conto *Pele de Asno*, que ao se sentir culpada por despertar a paixão no próprio pai e rei, cobre-se com uma pele do asno, também demonstrando uma espécie de penitência, por algo causado involuntariamente. O menino deste conto irlandês prefere viver como mendigo a desfrutar a fartura que lhe é proporcionado pelo estabelecimento do pacto. Ou seja, ele despreza o pacto e seus benefícios. A mãe do menino, arrependida, dá-lhe um conselho: “[...] disse para sempre amar a Deus, para que assim não fosse carregado pelo diabo. O menino disse que seguiria seus conselhos e partiu.” (Op. cit., p. 163).

Observamos que o arrependimento vem por parte da mãe. Nada nos é falado sobre o arrependimento paterno. O menino, ainda pequeno, parte da casa materna prometendo que seguiria os conselhos da mãe. O narrador nos informa que:

**Ele viveu como um mendigo.** Depois de muito viajar, encontrou o diabo e começaram a conversar.

— Eu acredito – disse o menino – que você é capaz de se tornar muito pequeno, do tamanho de um camundongo.

— Com a maior facilidade – gabou-se o diabo.

— Quero ver você fazer isso.

O diabo tomou a forma de um camundongo. O menino abriu o saco à frente do diabo e o enfiou dentro. O menino apertou os cordões que fechavam a boca do saco e saiu à procura de dois ferreiros. Pôs o saco sobre a bigorna e disse aos ferreiros que malhassem o saco com seus pesados martelos. **O diabo clamou por piedade** e por fim o menino lhe disse:

— **Posso libertá-lo, se você prometer que desiste de qualquer direito sobre mim e meus descendentes, até a sétima geração.**

— Concordo com tudo, se você me soltar.

**E o menino então libertou o diabo.** (Op. cit., p. 164).

O sábio menino viveu como um pobre mendigo para penitenciar a culpa que não era sua, mas sim de seus pais. Preferia a pobreza honesta à riqueza advinda das mãos do diabo. Finalmente o encontra e o engana com muita facilidade. Desafia-o, vence-o e só liberta-o após o Diabo pedir clemência. Constatamos que a venda da alma de uma pessoa ao Diabo não se acaba em sua geração, mas até os descendentes da sétima geração. O Diabo promete e o menino liberta o Diabo. Novamente um conto no qual o Diabo é enganado, desta feita por um menino, cuja alma tinha sido ofertada ao Diabo pelos seus pais.

Nos quatro contos aqui analisados, percebemos tratar-se de pessoas pobres, marcadas pela miséria. Nos quatro contos o diabo é enganado e os protagonistas se dão bem. Poderíamos falar em contos de enganamento do Diabo.

Se analisarmos a chamada literatura *juvenil*, outra denominação polêmica, encontraremos diversos contos nos quais o Diabo figura como protagonista. Citamos alguns de nossa preferência: *O Diabo na garrafa*, do escritor escocês Robert L. Stevenson (1850 – 1894), cuja obra mais conhecida é *The Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, no Brasil traduzida como *O Médico e o Monstro*; *O Diabo no Campanário*, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849), por muitos críticos considerado o precursor da chamada *literatura fantástica*; *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, do irlandês C. S. Lewis (1898-1963), autor mundialmente conhecido pelo sucesso de *As Crônicas de Nárnia*, estas adaptadas

para o cinema em 2005. No Brasil, citamos o interessante conto *O Diabo na Noite de Natal*, de Osman Lins (1924-1978), publicado em 1977; o conto *A vida e a outra vida de Roberto do Diabo*, do livro *Contos de Espanto e Alumbramentos*, do escritor, ilustrador e pesquisador Ricardo Azevedo (1949 - ), autor de mais de cem livros para crianças, alguns já publicados em Portugal, México, Alemanha e Holanda; *De morte*, da mineira Ângela Lago (1945 - ), conto publicado em 1992; e o conto popular *A noiva do Diabo*, de Celso Cisto, publicado em 2000. Em artigo a ser ainda escrito, analisaremos estes outros contos aqui citados.

Nos contos aqui analisados, o que se percebe é desacralização do Diabo em histórias para crianças e adolescentes, de certa forma a vulgarização da figura do Diabo, pois nelas o Diabo é sempre enganado e vencido e faz papel de bobo: fica sem a alma que lhe fora prometida através do pacto.

O Diabo é coisa de criança, de jovens, de adultos... O Diabo mostra-se com excelente motivo e tema da boa literatura. Faz parte do mundo medieval, do mundo ocidental e mundo das crianças... É o maior fantasma coletivo do Ocidente. Sem o Diabo, a literatura não seria a mesma, a teologia não seria a mesma e o próprio homem não seria o mesmo...

## REFERÊNCIAS

ABADÍA, José Pedro. *A Bíblia como Literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.

AZEVEDO, Álvares. *Macário*. Biblioteca virtual do Estudante de Língua Portuguesa. <http://bibvirt.futuro.usp.br>, acesso em Janeiro de 2008.

BARCELLOS, Carlos José. *Literatura e Teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo*. In: *Numen – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, vol. 3, nº 2, jul/dez 2000, p. 09 - 30.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

*BÍBLIA SAGRADA*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, [s.d].

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria – análise – didática*. São Paulo: Ática, 1997

COSTA, Flávio Moreira da. Org. *Os grandes contos populares do Mundo*. São Paulo: Ediouro/FNDE, 2006.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo*. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.



- CUNHA, Maria Antonieta. *Literatura Infantil: teoria e prática*. 4ª. Ed. São Paulo: Ática, 1985.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FLUSSER, Vilém de. *A história do Diabo*. Editora Anablume, 2004.
- FERNANDES, Marcelo J. *Quase-macabro: o fantástico nos contos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. Dissertação de Mestrado.
- FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos - A Bíblia e a Literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do Sacro*. Trad. Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 2003.
- GOETHE, J. W. *Fausto*. Trad. Alberto Maximiliano. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.
- JUNG, C.G. *Resposta a Jó*. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*. Retratos Teológicos Literários. Trad. Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.
- LINK, Luther. *O Diabo. A máscara sem rosto*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LAJOLO, M. *Literatura: Leitores e leitura*. São Paulo: Moderna 2001.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A Igreja do Diabo. In: *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Globo, 1997. (Obras Completas).
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Adão e Eva. In: *Várias Histórias*. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/adaoeeva.htm>>. Acesso em fev. de 2008.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O Anjo Rafael*. In: Banco de Dados do NUPIIL. Disponível em: <<http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0037-01441.html>>. Acesso em fev. de 2008.

MACHADO, Regina. *O violino cigano e outros contos de mulheres sábias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras - Teologia e Literatura em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAGALHAES, JR. Raimundo. *Contos Fantásticos – Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Diabo Existe?* Tomo I. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1973.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura - reflexões teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MARTINS TERRA, J. E. *Existe o Diabo?* Respondem os Teólogos. São Paulo: Loyola, 1975.

MESSADIÉ, Gerald. *História Geral do Diabo – Da Antiguidade à Época Contemporânea*. Trad. Alda Sophie Vinga. Portugal: Europa-América, 2001.

MILES, Jack. *Deus – Uma biografia*. Trad. José Rubens Siqueira. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo*. Trad. Maria H. Kühner. São Paulo: Bom Texto, 2004.

NEGRI, Antonio. *Jó – a força de um escravo*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

NUNES, Benedito. Teologia e Filosofia - Aspectos teológico da Filosofia - O último Deus. In: *Crivo de Papel*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Sinodal/EST, Petrópolis: Vozes, 2007.

PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás*. Trad. Ruy Jungmann. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 1996.

QUEIRÓS, Eça de. *O Senhor Diabo*. Disponível em: <<http://www.virtualbooks.terra.com.br>>. Acesso em 28.03.2008;

QUEVEDO, G. Oscar. *Antes que os demônios voltem*. São Paulo: Loyola, 1989.

PESSOA, Fernando. *A Hora do Diabo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Walmor. *Além do Medo e do Pecado*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. <http://www.pucsp.br/~filopuc/verbete/schellin.htm>.  
Consulta em 30.03.2008

STANFORD, Peter. *O Diabo – Uma Biografia*. Trad. Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

SOB A SOMBRA DO DIABO. In: *Revista História Viva – Grandes Temas*. Edição Especial Temática nº 12. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

TILLICH, Paul. *Filosofia de la Religion*. Buenos Aires: La Aurora, 1969. p. 74.

WENISCH, Bernhard. *Satanismo*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.